

A EXPOSIÇÃO NUMISMÁTICA DO MUSEU GULBENKIAN

Por: M. DE CASTRO HIPÓLITO

Com a abertura do seu novo museu, solenemente inaugurado em 2 de Outubro de 1969, como parte das novas instalações que a Fundação Calouste Gulbenkian fez erigir em Lisboa nos extensos terrenos do antigo Parque de Santa Gertrudes, foi pela primeira vez dado ao público a possibilidade de apreciar devidamente elevado número de peças da singular colecção de obras de arte reunidas durante cerca de quarenta anos por Calouste Sarkis Gulbenkian, que não tinham sido apresentadas no anterior e provisório museu, instalado desde 1965 em parte do Palácio Pombal, em Oeiras. Entre as novas peças agora expostas encontram-se exactamente as que constituem uma selecção do seu admirável núcleo de moedas gregas antigas, pelas quais o criador da colecção nutriu uma afeição tão constante e especial que é mesmo possível através da colecção surpreender algo do coleccionador. Este revela-se-nos a um tempo tão esclarecido como dotado de forte personalidade estética e, como tal, altamente selectivo nas suas opções e exigências, em face da imensa variedade de produções oferecida por uma arte que na sua evolução de cerca de seis séculos percorreu todos os caminhos que vão desde o arcaísmo primitivo até ao helenismo tardio.

Como acontece para toda a colecção apresentada, também o visitante da secção numismática pode beneficiar substancialmente a sua visita com o concurso de um guia (*Museu Calouste Gulbenkian. Suplemento do Roteiro I. Arte Greco-Romana, Numismática*) que lhe oferece, para cada peça, a identificação do centro emissor e muito sumária identificação do tipo, além de indicações de peso, metal e data aproximada de cunhagem. Este guia não inclui qualquer texto de comentário à exposição em geral ou a peças singulares. Mas também aqui um comentário é, contudo, posto à disposição do visitante. Trata-se de um pequeno texto no qual se oferece uma fugaz apreciação relativamente a cada uma das quatro vitrinas da exposição, em conjunção com o mapa que também figura na exposição e no qual se localizam os principais centros e áreas emissores de moeda grega do século VII ao século I a. C.

Além de 398 moedas, a selecção exposta compreende ainda onze «medalhões» greco-romanos. Estas onze peças, de ouro, são parte dos vinte «medalhões» do celeberrimo achado verificado em 1901, muito possivelmente em Abuquir (Egipto), e datarão da primeira metade do século III. Atendendo ao seu extraordinário valor documental e originalidade — são um documento precioso para o estudo da arte greco-romana do século III, que só tem paralelo em peças do achado de Tarso, ocorrido antes, em 1872 — foi-lhes na exposição dado especial relevo. Em vitrina exclusivamente a eles dedicada, figura na exposição a totalidade dos «medalhões» que a Calouste S. Gulbenkian foi dado reunir. Para ilustrar a face oculta de cada peça recorreu-se a electrótipos, de boa execução técnica, que se encontram expostos de maneira a que o observador não os possa confundir com as peças genuínas ao lado das quais eles figuram. No já citado comentário refere-se algo acerca das circunstâncias e história do achado, bem como a interpretação que sugere que tais peças foram preparadas para distribuir como prémios aos vencedores dos jogos olímpicos celebrados em 242-243 em Bereia (Macedónia) em honra de Alexandre Magno que é, efectivamente, o grande herói da série. O que faz o interesse particular dos «medalhões» é o que neles há de inspiração em modelos helenísticos, os quais estabeleceram tradições e tipos de expressão do retrato humano que ecoarão em certas emissões imperiais romanas, mesmo depois do século III. Terá sido exactamente essa dependência de modelos helenísticos — compare-se, por exemplo, o anverso da moeda 211 com a mesma face dos «medalhões» 3 e 4 e não deixe de apreciar-se o impressionante anverso do «medalhão» 6 — servida por grande cuidado de execução, que terá interessado Calouste Gulbenkian.

O núcleo de 398 moedas compreende espécies cunhadas nas diferentes províncias do que em sentido lato se tornou convencional designar por numismática grega. Podem assim admirar-se na selecção oferecida peças provenientes de centros emissores cultural, geográfica e cronologicamente muito diversos, onde, ao lado de peças provenientes de comunidades genuinamente gregas da Itália, Sicília, Grécia Central e Oriental se encontram desde exemplares de comunidades itálicas e peças emitidas pelos Cartagineses (em Espanha, Sicília e África) até às produzidas pelas pequenas cidades ou grandes monarquias do Próximo Oriente ou mesmo das províncias asiáticas contíguas à Índia, como resultado das conquistas de Alexandre e consequente formação e difusão da cultura helenística. Cronologicamente, a exposição apresenta peças que se distribuem do século VI até à segunda metade do século I a. C., com especial incidência no século V e época helenística.

A totalidade das moedas encontra-se distribuída por três vitrinas, apresentando-se expostas segundo um critério primariamente geográfico e secundariamente cronológico. Apenas uma face das moedas é exposta, não havendo quaisquer electrótipos ou moldagens, mas houve a preocupação de tirar o devido proveito dos recursos oferecidos pela colecção no sentido de ilustrar a face oculta dos numismas. Recorreu-se, por isso, com muita frequência, a exemplares com faces cunhadas por cunhos com os mesmos tipos ou muito similares nos seus elementos estruturais ou características artísticas, havendo mesmo casos frequentes de verdadeiros «duplicados». A vitrina 1, com um total de 162 unidades, é exclusivamente dedicada ao Ocidente (Itália, Sicília e Cartago), com peças desde o último quartel do século VI até aos fins do século III a. C. No comentário chama-se a atenção para os principais centros representados, com especial relevo para Catânia e Siracusa, esta última indiscutivelmente o mais progressivo centro monetário do mundo grego no século V a. C. e que na exposição é representado por nada menos que 54 peças. As primeiras 40 deste total situam-se cronologicamente no período de pouco menos de cem anos (c. 485-395) que é, talvez, o mais excitante de toda a numismática grega. Trata-se do lapso de tempo que assistiu à surpreendente evolução que, partindo de modelos arcaicos, veio a gerar as maravilhosas produções clássicas como as cabeças idealizadas, de frente e de perfil, e as quadrigas a galope, com as assinaturas de Címon, Evéneto e outros, produções que, como obras clássicas, dificilmente foram ultrapassadas. Um tal relevo dado ao Ocidente e uma tão larga representação de Siracusa pretendem fazer justiça ao que é, por um lado, a área mais importante da moeda grega no século V e, por outro, dentro da colecção Gulbenkian, um dos seus núcleos mais valiosos, pela excelência, número e variedade das peças, ao lado da geral qualidade das mesmas no que se refere a estado de conservação.

As vitrinas 3 e 4 introduzem-nos nas províncias geográficas exactamente onde, depois do colapso da Sicília às mãos dos Cartagineses e Romanos, a arte monetária grega pôde continuar o seu natural desenvolvimento e enriquecer-se com novas dimensões. Elas podem ser associadas na mesma breve referência. Trata-se de um total de 233 peças, que vão desde Acanto, nas costas nórdicas do Egeu, até ao Egipto e das margens do Adriático até às províncias do Próximo Oriente e confins ocidentais da Índia. Como se salienta no comentário, a selecção apresentada permitirá seguir concretamente, pela consulta do já referido guia em conjugação com o mapa já igualmente citado, a progressiva expansão geográfica dos centros monetários a partir da área de invenção da moeda, na zona de contacto entre a Jónia e a Lídia, no

começo da segunda metade do século VII a. C. Tal selecção habilita também a seguir, de algum modo, nas suas linhas gerais de desenvolvimento, as grandes vicissitudes da moeda grega na Grécia Central e Oriental desde o século V, já que o período anterior está na colecção Gulbenkian, como resultado das preferências estéticas do seu autor, muito mal representado. Como se demonstra pelo exame da geografia e densidade dos centros emissores, natureza das denominações cunhadas e volume de produção, a moeda grega nesta área na segunda metade do século atrás referido foi afectada pela política imperialista de Atenas, bem traduzida na declarada pretensão, a que foi mesmo dada formulação jurídica, de impor as suas «corujas» como única moeda circulante. Com o colapso de tal política e a derrota final na guerra do Peloponeso, cessa um tal condicionalismo e assiste-se a uma renovação de certas cunhagens e expansão da geografia emissora, ao mesmo tempo que outros aspectos novos, como a regularidade de emissão de ouro por certos centros, surgem na numismática do século IV. A um visitante atento, suficientemente paciente e interessado, não escapará que a selecção que lhe é oferecida ecoa estes factores. Resultado da emergência e rápida expansão da casa real da Macedónia como potência política dominante, um novo grande elemento intervem no desenvolvimento da numismática grega: além da substituição de um sem número de emissões diversas na sua geografia, metal e tipologia, pelas emissões bimetálicas regulares e de tipologia constante saídas dos centros monetários do império de Alexandre, a moeda imperial de prata — exactamente o metal tradicional por excelência — dotada de tipos muito sàbiamente escolhidos no seu simbolismo, estava destinada a causar profunda e duradoura influência, a que não pode de maneira nenhuma ser alheio o quase sobrenatural prestígio do herói macedónico. Tal é atestado pelas peças da exposição cunhadas após a fraccionação do império de Alexandre. Tal fraccionação veio a quebrar imediatamente a unidade momentaneamente estabelecida pela moeda imperial mas ao mesmo tempo veio abrir a moeda grega ao que já então havia feito a sua aparição como tipo monetário mas só a título excepcional e pròpriamente à margem da cultura e tradições genuinamente gregas: o retrato monetário. Da excepcional riqueza da colecção Gulbenkian neste capítulo, do ponto de vista artístico sem qualquer margem de dúvida o mais criador e sugestivo aspecto de toda a moeda helenística, dá devida mostra a extraordinária galeria de retratos que foi seleccionada para a exposição, tão interessante em si mesma que, justificando especial atenção do visitante, merece também aqui algumas referências individuais. Os mais antigos retratos existentes na exposição são os dos sátrapas Orontes (n.º 317, data 362, de Lâmpsaco) e Farnabazo

(n.º 366, data 379-374, de Tarso). Apesar dos precedentes pré-helenísticos, de que as duas peças que se acabam de citar não são sequer os mais antigos, Alexandre não cunhou com a sua própria efígie. Como se pode apreciar nos numismas expostos, o seu retrato, idealizado e com atributos divinos, aparece sim mas só depois da sua morte, por iniciativa dos seus sucessores e herdeiros políticos, primeiro sob Ptolomeu I do Egipto (n.º 394), depois sob Seleuco I da Síria mas acolhido à protecção de Ptolomeu (n.º 372) e Lisímaco da Trácia (n.º 211). Ao que parece, a Demétrio Poliorceta (n.ºs 190 e 194) cabe a honra e a ousadia de, perfeitamente de acordo com a psicologia que as suas aventuras castrenses nos fazem conhecer, cunhar pela primeira vez em território grego europeu moeda com a efígie de um homem vivo. A apreciação da trajectória percorrida pela arte do retrato, com os seus acentos idealistas ou realistas, oferece-se através das diversas séries reais apresentadas, com especial relevo, pelo facto de apresentar uma quase completa sucessão cronológica até quase ao meio do século I antes da nossa era, para as moedas da casa real da Síria, cujo último espécime apresentado, de Tigranes I (n.º 389, data 83-69) exhibe já a característica orientalização sofrida pelos modelos gregos no ocaso da arte grega do retrato monetário. O sentido escultural de certos tipos de reverso e os novos aspectos revelados pelas legendas destas moedas reais são outros tantos motivos de interesse. **Importa** acentuar, contudo, que o conjunto altamente seleccionado das vitrinas 2 e 3 reserva ainda muitas outras atracções a quem se dispuser a descobri-las. Apenas como sugestão da variedade que aí se oferece e do interesse a títulos diversos de tal núcleo mencionaremos: os diversos cunhos com cabeças de frente segundo modelos siracusanos do final do século V e, revelando a impressão causada por tais obras primas, provenientes de áreas muito diversas, tais como Anfípolis, Rodes, Clazómenas e Cária; a decadracma ateniense, possivelmente associada com a vitória do helenismo e Atenas sobre os bárbaros persas; as tetradracmas da mesma origem datadas do terceiro quartel do mesmo século mas propositadamente arcaicas na sua expressão artística, ao lado do exemplar emitido em 407-6 com o ouro das vitórias do Pártenon nas circunstâncias dramáticas que as fontes literárias nos fazem conhecer; as magníficas peças clássicas de Élis, associadas com os jogos olímpicos aí celebrados; a grande série de electro de Cízico que, não obstante o metal, foi moeda internacional e se caracteriza pela variedade dos anversos e excelência de gravação; a galeria de anversos de Lâmpsaco, do século IV, igualmente diferenciados e simplesmente magníficos na sua perfeição técnica; a mais antiga peça de toda a selecção exposta, de electro, cunhada em Mileto, cerca de 575-550; a peça de ouro já persa mas que, cunhada antes da intro-

dução do tipo nacional do «arqueiro», continua o modelo de Cresô da Lídia (561-546), que foi o criador do primeiro sistema de bimetalismo monetário conhecido; a riquíssima galeria de tipos exibindo os grandes deuses ou personalidades secundárias do Panteão helénico tais como Zeus, Apolo, Hércules, Posídon, Deméter, Dioniso, Hermes, sátiros, cabiros, ninfas e ménades, em versões cronológicas, geográficas e culturalmente diversas a que não faltam mesmo as imagens híbridas em que as divindades helénicas recebem atributos orientais; tipos que são ilustrações plásticas de mitos diversos; os numismas das muitas cidades da Ásia Menor que no século II lograram cunhar prata e que são tão característicos no seu fabrico e temática tipológica.

Todo este conjunto numismático exposto quando da abertura do Museu Gulbenkian não poderá deixar quaisquer dúvidas a um visitante esclarecido acerca do invulgar valor da colecção Gulbenkian de moedas gregas. Mas tal conjunto é apenas uma selecção e selecção que obedece a um certo critério, entre vários possíveis. É de esperar que as amplas possibilidades da colecção não deixem de ser devidamente exploradas no futuro. É de esperar também que aos simples amantes de obras de arte como aos verdadeiros cultores da numismática e professores seja também oferecida uma oportunidade que o Museu Gulbenkian já proporciona no que se refere a muitíssimas das suas peças de outros sectores artísticos: a possibilidade de, através de diapositivos, levar a sua documentação numismática, onde pontificam peças notabilíssimas pelo seu excepcional estado de conservação, até aos seus domicílios ou até à sala de aula dos estudantes de ramos diversos das ciências históricas.

Ao pretender-se apenas assinalar numa publicação especializada a abertura ao público do que supomos ser em Portugal a primeira exposição verdadeiramente representativa de moedas gregas antigas — exactamente dos mais belos cunhos monetários jamais abertos por mão humana e em idade em que não mais que utensilagem muito rudimentar lhe era acessível para se expressar — parece oportuno recordar que a Fundação Gulbenkian, bem consciente do valor artístico e científico deste material, está desde há anos empenhada no estudo deste sector valiosíssimo da sua colecção, com vista à publicação de um catálogo adequado e completo e que o primeiro volume de tal publicação, dedicado à Itália, Sicília e Cartago, se anuncia para muito breve.

Dado que *Nummus* interessa também aos cultores da medalhística, parece justificar-se recordar aqui que o Museu Gulbenkian oferece-lhes também, na secção de arte europeia, exemplares de magníficas produções de artistas italianos do Renascimento como Pisanello, Matteo de Pasti, Enzola, Sperandio de Mântua e Caradosso.

Outubro de 1969